

1

Marina disse-me uma vez que apenas recordamos o que nunca aconteceu. Passaria uma eternidade antes que compreendesse aquelas palavras. Mas mais vale começar pelo princípio, que neste caso é o fim.

Em Maio de 1980 desapareci do mundo durante uma semana.

No espaço de sete dias e sete noites, ninguém soube do meu paradeiro. Amigos, companheiros, professores e até a polícia lançaram-se na busca daquele fugitivo que alguns já julgavam morto ou perdido por ruas de má fama, como num lapso de amnésia.

Uma semana mais tarde, um polícia à paisana julgou reconhecer aquele rapaz; a descrição condizia. O suspeito vagueava pela estação de Francia como uma alma perdida numa catedral forjada de ferro e neveiro. O agente aproximou-se de mim com ar de romance negro. Perguntou-me se o meu nome era Óscar Drai e se era eu o rapaz que desaparecera sem deixar rasto do internato onde estudava. Assenti sem descerrar os lábios. Recordo o reflexo da abóbada da estação no vidro dos seus óculos.

Sentámo-nos num banco do cais. O polícia acendeu um cigarro com calma. Deixou-o queimar sem o levar aos lábios. Disse-me que havia uma grande quantidade de pessoas à espera de me fazer muitas perguntas para as quais era conveniente que tivesse boas respostas. Assenti de novo. Olhou-me nos olhos, estudando-me. «Às vezes, contar a verdade não é uma boa ideia, Óscar», disse. Estendeu-me umas moedas e pediu-me que telefonasse ao meu tutor no internato. Assim fiz. O polícia esperou que tivesse feito a chamada. Depois, deu-me dinheiro para um táxi e desejou-me sorte. Perguntei-lhe como sabia que não ia desaparecer de novo. Observou-me longamente. «Só desaparecem as pessoas que têm algum lugar para onde ir», respondeu apenas. Acompanhou-me até à rua e ali se despediu, sem perguntar onde tinha estado. Vi-o afastar-se pelo Paseo Colón. O fumo do seu cigarro intacto seguia-o como um cão fiel.

Naquele dia, o fantasma de Gaudí esculpia no céu de Barcelona nuvens impossíveis sobre um azul que fundia o olhar. Apanhei um táxi até ao internato, onde supus que me esperaria o pelotão de fuzilamento.

Durante quatro semanas, professores e psicólogos escolares atormentaram-me para que revelasse o meu segredo. Menti e



MARINA  
Carlos Ruiz Zafón  
PLANETA

#### | O LIVRO |

“Marina”, publicado em 1999, já anunciava algo do estilo e das preocupações literárias de Zafón.

A cena passa-se em Barcelona, no ano de 1980. Óscar sonha acordado, deslumbrado com os palacetes modernistas que cercam o internato onde estuda. Numa das suas escapadelas conhece Marina, uma rapariga audaz que com ele se aventura num enigma doloroso do passado da cidade. Uma enigmática personagem do pós-guerra propõe-lhe o maior desafio imaginável, contudo, a sua ambição arrasta-a por caminhos misteriosos, cujas consequências alguém terá de sofrer.

ofereci a cada um aquilo que queria ouvir ou o que podia aceitar. Com o tempo, todos se esforçaram por fingir que tinham esquecido aquele episódio. Segui o seu exemplo. Nunca expliquei a ninguém a verdade do que sucedera.

Não sabia então que o oceano do tempo mais tarde ou mais cedo nos devolve as recordações que nele enterramos. Quinze anos mais tarde, a memória daquele dia voltou até mim. Vi aquele rapaz a vaguear por entre as brumas da estação de Francia e o nome de Marina tornou-se de novo incandescente como uma ferida fresca.

Todos temos um segredo fechado à chave nas águas-furtadas da alma. Este é o meu.

2

No fim da década de 1970, Barcelona era uma miragem de avenidas e becos onde se podia viajar trinta ou quarenta anos para o passado, com o simples acto de passar o umbral de uma portaria ou de um café. O tempo e a memória, história e ficção, fundiam-se naquela cidade feiticeira como aguarelas à chuva. Foi ali, no eco de ruas que já não existem, que catedrais e edifícios fugidos de fábulas criaram o cenário desta história.

Nessa altura eu era um rapaz de quinze anos que languescia entre as paredes de um internato com nome de santo, na beira da estrada de Vallvidrera. Naqueles dias, o bairro de Sarriá conservava ainda o aspecto de pequena povoação fundeada na margem de uma metrópole modernista. O meu colégio erguia-se no cimo de uma rua que trepava do Paseo de la Bonanova. A sua monumental fachada sugeria mais um castelo do que uma escola. A angulosa silhueta cor de argila era um quebra-cabeças de torreões, arcos e asas nas trevas.

O colégio estava rodeado por uma cidadela de jardins, fontes, lagos lodosos, pátios e pinhais encantados. Em torno dele, edifícios sombrios albergavam piscinas veladas por vapor fantasmagórico, ginásios embruxados de silêncio e capelas tenebrosas, onde imagens de santos sorriam ao clarão das velas. O edifício tinha quatro andares, sem contar com as duas caves e um sótão de clausura, onde viviam os poucos sacerdotes que ainda trabalhavam como professores. Os quartos dos internos ficavam situados ao longo de corredores cavernosos no quarto andar. Estas intermináveis galerias jaziam em perpétua penumbra, sempre envoltas num eco spectral.

Eu passava dias sonhando acordado nas aulas daquele imenso castelo, esperando o milagre que se verificava todos os dias às

cinco e vinte da tarde. A essa hora mágica, o sol vestia de ouro líquido as altas janelas. Soava a campainha que anunciava o fim das aulas e os internos gozavam de quase três horas livres antes do jantar na grande sala de refeições. A ideia era que esse tempo devia ser dedicado ao estudo e à reflexão espiritual. Não me lembro de me ter entregue a nenhuma dessas nobres tarefas um único dia dos que ali passei.

Aquele era o meu momento favorito. Escapando ao controlo da portaria, partia a explorar a cidade. Habituei-me a regressar ao internato exactamente a tempo do jantar, vagueando por entre velhas ruas e avenidas, enquanto anoitecia à minha volta. Naqueles longos passeios experimentava uma sensação de liberdade embriagadora. A minha imaginação voava sobre os edifícios e elevava-se ao céu. Durante umas horas, as ruas de Barcelona, o internato e o meu lúgubre quarto no último andar desapareciam. Durante umas horas, apenas com algumas moedas no bolso, era o homem mais feliz do universo.

Com frequência, a minha rota levava-me pelo que então se chamava o deserto de Sarriá, que mais não era do que o âmago de um bosque perdido em terra-de-ninguém. A maioria das antigas mansões senhoriais, que na sua época tinham povoado o norte do Paseo de la Bonanova, mantinha-se ainda em pé, mesmo que fossem apenas ruínas. As ruas que rodeavam o internato desenhavam uma cidade-fantasma. Muros cobertos de hera vedavam a passagem para jardins selvagens onde se erguiam monumentais residências. Palácios invadidos pelo mato e pelo abandono em que a memória parecia flutuar, como neblina que resiste a partir. Muitos desses casarões aguardavam a demolição e outros tinham sido saqueados durante anos. Alguns, no entanto, ainda estavam habitados.

Os seus ocupantes eram os membros esquecidos de estirpes aruinadas. Gente cujo nome aparecia escrito a quatro colunas no *La Vanguardia*, quando os eléctricos ainda provocavam o receio dos inventos modernos. Reféns do seu passado moribundo, que se negavam a abandonar as naves à deriva. Receavam que, se ousassem pôr os pés fora das mansões envelhecidas, os seus corpos se desfizessem em cinzas ao vento. Prisioneiros, definhavam à luz dos candelabros. Às vezes, quando passava em frente

daqueles gradeamentos enferrujados em passo apressado, parecia-me sentir olhares desconfiados nas persianas sem pintura. Uma tarde, no fim de Setembro de 1979, decidi aventurar-me ao acaso numa daquelas avenidas semeadas de palacetes modernistas em que não reparara até então. A rua descrevia uma curva que acabava num gradeamento igual a muitos outros. Do outro lado estendiam-se os restos de um velho jardim marcado por décadas de abandono. Por entre a vegetação notava-se o perfil de uma mansão de dois andares. A sua sombria fachada erguia-se por detrás de uma fonte com esculturas, que o tempo vestira de musgo.

Começava a escurecer e aquele lugar pareceu-me um tanto sinistro. Rodeado por um silêncio mortal, apenas a brisa sussurrava um aviso sem palavras. Compreendi que me metera numa das zonas “mortas” do bairro. Decidi que o melhor era voltar para trás pelo mesmo caminho e regressar ao internato. Debatia-me entre a fascinação mórbida por aquele lugar esquecido e o senso comum, quando notei dois brilhantes olhos amarelos fulgurando na penumbra, cravados em mim como adagas. Engoli em seco.

A pelagem cinzenta e aveludada de um gato recortava-se imóvel em frente do gradeamento do casarão. Um pequeno pardal agonizava entre as suas goelas. Um guizo prateado pendia do pescoço do felino. O seu olhar estudou-me durante uns segundos. Pouco depois, deu meia volta e deslizou por entre as grades de metal. Vi-o perder-se na imensidão daquele éden maldito, levando o pardal na sua última viagem.

A visão daquela pequena fera ativa e desafiadora seduziu-me. A julgar pela lustrosa pelagem e pelo guizo, intuí que tinha dono. Talvez aquele edifício albergasse algo mais do que os fantasmas de uma Barcelona desaparecida. Aproximei-me e pusei as mãos nas grades da entrada. O metal estava frio. Os últimos clarões do crepúsculo iluminavam o rasto que as gotas de sangue do pardal deixaram através daquela selva. Pérolas escarlates traçando a rota no labirinto. Engoli em seco outra vez. Melhor dizendo, tentei. Tinha a boca seca. O sangue, como se soubesse algo que eu ignorava, batia-me nas têmporas com força. Foi então que senti ceder a porta sob o meu peso e compreendi que estava aberta.

### | O AUTOR |

Carlos Ruiz Zafón (n. Barcelona, 1964) publica desde 1993, mas tornou-se internacionalmente famoso com a “*A Sombra do Vento*”, em 2001 (traduzido em Portugal em 2004), uma novela gótica ambientada em Barcelona (como, aliás, grande parte da obra de Zafón). O escritor e argumentista (actualmente reside em Los Angeles, onde trabalha para cinema e televisão) publicou então “*O Jogo do Anjo*”, em 2008, anunciando que ambos os títulos integram uma tetralogia, com a cidade de Gaudí por cenário e algumas personagens e cenários em comum (como o já célebre Cemitério dos Livros Esquecidos).

